

José Fernandes: o diabo que cria para o povo e a arte no dia a dia

Tamiris Serafim de Matos

tami.matos.s@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: José Fernandes, pintor, escultor e escritor ficou conhecido artisticamente como Zé Diabo. Destacou-se na região do extremo Sul de Santa Catarina por suas obras nos interiores das igrejas de Orleans, transformando assim sua cidade em ponto turístico. Sua maior e mais conhecida obra chama-se Paredão de Orleans. O presente artigo tem por objetivo compreender o processo de criação do Paredão, possuindo como fonte principal as entrevistas do artista presentes nas obras de Renata Campos e Meri Kriedger.

Palavras-chaves: José Fernandes; Zé Diabo; Paredão de Orleans.

Abstract: José Fernandes, painter, sculptor and writer known artistically as Zé Diabo. The highlighted region in the extreme south of Santa Catarina in your works in interiors of churches Orleans, transforming so your City on tourist spots. Its bigger and most known work is called Paredão de Orleans. The present article aims to understand the Paredão creation process, having as main source, such as artist interviews gifts in Renata Campos and Meri Kriedger.

Keywords: José Fernandes; Zé Diabo; Paredão de Orleans.

José Fernandes durante sua carreira de pintor e escultor transformou a pequena cidade de Orleans, no interior do Estado de Santa Catarina, em uma região artística. O artista que em meio a pinceladas de anjos ficou conhecido como Zé Diabo, dedicou grande parte de sua vida em seus projetos, com o desejo de fazer da arte a memória da sua cidade. Para ele, sua missão era deixar gravado em pinturas ou pedras a Arte e a História, para que qualquer pessoa pudesse compreender o sentido de sua obra sem a necessidade de nenhuma pesquisa ou conhecimento sobre os temas por ele abordado. O que para todos não passava de pedras e matos, para Zé Diabo foi o espaço de uma grande obra; obra esta que o destacou no cenário artístico do extremo Sul de SC¹.

Quando pequeno brincando próximo ao paredão de pedra bruta, localizado às margens do rio Tubarão notou algumas letras na pedra. As letras diziam respeito as iniciais de operários que trabalhavam na criação da estrada, juntamente a uma homenagem para um trabalhador que faleceu dinamizando as pedras. José Fernandes viu que ali estava gravado a história da construção da estrada, e, sonhou deixar gravado nas pedras também a história da sua cidade e

1 CAMPOS, Renata Bussolo. *Zé Diabo: um artista de múltiplas linguagens*. Monografia (Especialização em Artes Visuais), UNESC, 2006. p. 18.



fragmentos da História Nacional; contudo, sua arte não foi manifestada apenas em esculturas, boa parte está registrada em pinturas em igrejas. Ao final de sua carreira temos um Zé diabo escritor, onde aborda inúmeros temas de seu cotidiano para a criação de contos.² Nessa trajetória Zé Diabo pouco foi valorizado pela sua terra natal, o que fez o artista procurar outros lugares e maneiras para expressar sua arte.

José que dedicou a maior parte de sua vida à arte, muitas vezes é incompreendido pelas pessoas. Afinal, como alguém pode destinar sua existência a favor da arte para o povo? Entretanto, como ele mesmo escreve, poucas pessoas são capazes de entender o sentido da vida de um artista. Para ele

Ser artista é aceitar resignado, as humilhações, as injustiças e as incompreensões encontradas no palco da vida. Ser artista é ter o maravilhoso dom da inteligência que o transporta através de uma muralha invisível para outro lado onde ele se encontrará no incrível mundo da criatividade, das luzes, das cores, das sombras e dos milhares de personagens que ele busca³.

A pesquisa foi realizada por duas razões, primeiramente pela curiosidade que despertou ler a assinatura “Zé Diabo” no paredão sacro esculpido no interior da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua em Sombrio, cidade localizada no extremo Sul de Santa Catarina, questionando como alguém responsável por decorar de forma tão graciosa uma Igreja poderia ser nomeado assim. Após investigar a vida do artista, conhecer mais suas obras e sua trajetória, notei que poucas coisas foram escritas sobre ele. Despertando assim, uma segunda motivação para o estudo.

A história do artista esta relatada em algumas reportagens de jornais e revistas de Orleans ou das cidades vizinhas. Academicamente encontrei apenas duas pesquisas sobre ele, ambas da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), desenvolvidas na pós-graduação e escritas através de entrevistas com o próprio artista. A primeira foi realizada em 1993 por Meri Ângela Spíllere Kridger, na qual ela aborda a biografia, detalhes das obras e técnicas artísticas. A segunda foi desenvolvida em 2006 por Renata Bussolo Campos, possuindo também um caráter biográfico. Entretanto, essa última foca nas múltiplas linguagens artística de José Fernandes; o que serviram de subsídio para a meu estudo. Portanto, transito entre essas duas pesquisas buscando elementos para melhor sustentar a proposta desse estudo. Posso como objetivo compreender os processos da criação de sua maior obra, o Paredão de

2 Ibidem p. 19.

3 Zé Diabo apud CAMPOS, 2006. p. 24.



Orleans e ampliar a pesquisa acadêmica nessa área, assim como, expandir as pesquisas sobre o Extremo Sul de Santa Catarina.

Trajetória Artística

Zé Diabo, com sua arte singular incorpora Orleans no cenário artístico brasileiro. O pintor, escultor e escritor conseguiu retratar a cultura da região em suas obras, abordando temas que se fizeram presente desde o princípio da colonização da cidade.

A região de Orleans até meados de 1864 fazia parte do município de Tubarão, no entanto deixou de pertencer após o casamento da Princesa Isabel com o Conde D'Eu. Dom Pedro II concedeu o correspondente a noventa léguas como dote da princesa, podendo estas serem entre Sergipe ou Santa Catarina. O Conde acabou por escolher a região que hoje corresponde ao território de Orleans, visto que, na época as terras eram ricas em carvão mineral e estava sendo construído a estrada de ferro Dona Thereza Christina que ligava a região que corresponde hoje a Lauro Müller ao porto de Imbituba, visando assim lucros futuros. A comunidade recebeu o nome Orleans em virtude à uma homenagem feita pelo próprio Conde Luiz Felipe Maria Fernando Gastão D'Orleans a sua família⁴.

Referente a imigração dessa região podemos ver que, embora preponderando em Orleans a presença de italianos houve também a vinda de russos, portugueses, letões e poloneses. A colonização da região foi bastante beneficiada com a construção da estrada de ferro. Era ofertado aos imigrantes daquelas terras lotes inferiores a cinquenta hectares, uma pequena casa coberta de palha, junto a alimentação, materiais para o plantio, como ferramentas e sementes para fazerem uso e se estabelecerem até a primeira safra, possuindo três anos para o pagamento dos subsídios⁵.

Foi no exposto contexto que o avô lituano de Zé Diabo aqui chegou e trabalhou como ourives. O Artista José Fernandes, conhecido artisticamente hoje como Zé Diabo, filho de Joana Cândido Fernandes e Antônio Manoel nasceu no dia 19 março de 1930. Com seus 12 anos de idade o artista começou a trabalhar na pedraria do seu pai, iniciando assim sua primeira relação com as pedras. Admirador das estátuas gregas, quando possuía tempo José Fernandes riscava desenhos realistas em pedras, como rostos de pessoas ou imagens de animais. Não apenas nesses momentos ele mostrava seu lado artístico, conta ele na entrevista

4 Ibidem p. 16.

5 Ibidem, p. 17.



à Renata Bussolo Campos que na escola surpreendia com seus desenhos⁶.

Não satisfeito com a profissão de pedreiro, visto que, seu lado artístico não poderia florescer na pedraria do pai, juntamente a interesses monetários José inicia sua carreira como pintor comum de paredes. Porém, ainda assim não se contentava com aquelas pinturas monótonas e uniformes⁷. Logo, a sua insatisfação na carreira como pintor o conduziu para tornar a arte o seu ofício. Ainda assim, podemos dizer que esse período como pintor de paredes e pedreiro proporcionou a ele um grande aprendizado, uma vez que, em meio a pincelas e marteladas adquiriu um vasto conhecimento e técnicas para a sua futura ocupação como pintor artístico e escultor.

Segundo Kridger, Zé Diabo foi pintor por 30 anos, manifestando sua arte em igrejas e telas. Dentre seus trabalhos podemos citar uma quantidade significativa de feitos em paredes de igrejas e telas, com temas religiosos, retratos, autorretratos, animais e paisagens. No que diz respeito às suas obras podemos citar as pinturas nas seguintes capelas: Capela do Rio Pinheiros, Capela de Santa Clara, Capela de Furninhas, Capela de Oratório, Capela do Cemitério, sendo estas localizadas em Orleans. Entretanto ainda temos obras distribuídas em cidades da região sul do Estado como a Capela Nossa Senhora dos Campos em Lauro Müller, na Igreja Matriz de Nova Veneza e na Igreja do Rio do Rastro⁸.

Devido as dificuldades relacionadas a falta de datação de suas obras não podemos adotar uma cronologia exata ou sequência dos trabalhos. Porém, Renata Bussolo Campos traz que no ano de 1958 o pintor foi procurado pela primeira vez para desenvolver um desenho na Capela do Rio Pinheiros em Orleans⁹. Mesmo sem possuir experiências no ramo da pintura artística ele aceitou e conclui a obra no mesmo ano, dando assim início oficial a sua carreira como pintor artístico. A partir dessa obra Zé Diabo passou a ser convidado para pincelar e colorir várias igrejas do extremo Sul de Santa Catarina.

Seu talento também foi exposto em óleo sobre tela, entre suas obras podemos mencionar o *Retrato de Sua esposa Eunice, Noite Romântica, A Alcinha Zé Diabo* (Figura 01), *A Dança dos Anjos*, entre outras obras inacabadas. Segundo o próprio artista, suas obras foram comercializadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e em São Paulo, somando um total de mais de 80 telas. Contudo, não podemos assumir essa quantia com

6 Ibidem, p. 20.

7 Ibidem, p. 21.

8 KRIEDGER, Meri Ângela Spillere. *Zé Diabo: vida e obra*. 1993. Monografia (Especialização em Artes Visuais) UNESC, 1993.

9 CAMPOS, 2006, p. 25.

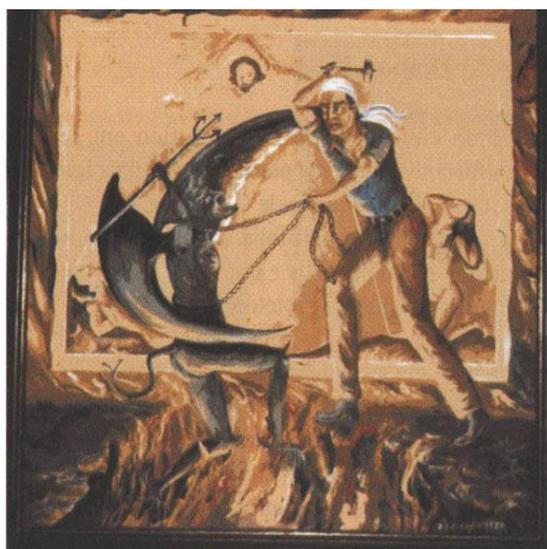


exatidão, posto que, por desatenção seus trabalhos não foram catalogados ou registrados. Em relação a suas pinturas em igrejas também nos deparamos com o mesmo obstáculo. Apesar disso, Kridger e Campos trazem uma quantia de doze realizações entre igrejas e capelas. Mas, desses trabalhos não podemos afirmar quantos foram pinturas criadas pelo próprio artista e quais foram restaurações de outros pintores.

Em meio a sua trajetória como pintor de passagens bíblicas surge o nome pela qual hoje José Fernandes é conhecido: Zé do Diabo. Torna-se impossível esse apelido não despertar uma grande curiosidade, ainda mais quando tratamos de um pintor que fez sua carreira retratando especialmente imagens sacras em interiores de igrejas.

Por volta de 1963 José foi convidado para pintar a capela de São Miguel Arcanjo, localizada em Grão-Pará no estado de Santa Catarina. Na obra ele interpretou a rebelião dos anjos, onde representando o bem pintou São Miguel Arcanjo e o mal a imagem de Lúcifer. A imagem bastante realista enfatizou a figura do demônio causando assim assombro e descontentamento aos que frequentavam a capela. Os fiéis da época recomendaram ao padre que o artista pintasse novamente um demônio menos pavoroso, contudo José não aceitou recriá-lo, desapontando assim os fiéis que a partir daí passaram a chamá-lo de Zé do Diabo. Lamentavelmente a Igreja São Miguel Arcanjo que batizou o nome do artista como Zé Diabo foi destruída, não deixando nenhum registo da criação dessa obra.¹⁰ Abaixo podemos ver uma das obras do pintor, onde o mesmo se refere a esse acontecimento.

Figura 01 - A alcunha Zé Diabo, 1990. Óleo sobre tela – Acervo: Fotos e Fatos de Orleans



¹⁰ Ibidem. p. 36

Disponível em: www.fotosefatosdeorleans.com.br

Nessa obra de óleo sobre tela de 1990, José Fernandes refaz a pintura da mesma passagem bíblica que ele pintou na parede da igreja se autorrepresentando no lugar do anjo Miguel Arcanjo, afirmando assim que não temia a sua representação de Lúcifer na capela de Grão-Para.

Arte, Cultura, Memória e Utopia: o paredão de Orleans

Zé Diabo destaca-se por suas múltiplas formas de ser um artista, mas, além de pintor, dedicou grande parte de sua vida à escultura. Desde pequeno as esculturas chamavam sua atenção e durante muito tempo carregou um sonho artístico: esculpir um paredão de pedras brutas da sua cidade¹¹. Resultado da construção da estrada de ferro de 1883 o paredão possuía em média 500 metros, localiza-se a margens do rio Tubarão; uma imensa parede de pedras que para Zé Diabo, segundo informa na entrevista a Campos sempre foi uma possível grande obra de arte¹².

O paredão de Orleans, como ficou conhecido um dos maiores projetos de Zé Diabo, foi também o mais desejado pelo artista, uma vez que, trata de algo que ele almejou desde a infância. Renata Campos em sua monografia salienta que José Fernandes quando criança brincava próximo ao paredão, onde certa vez, observou algumas letras nas pedras; quando soube que as marcas se tratavam de uma homenagem a um operário que morreu dinamizando a rocha, também quis deixar sua marca para a região¹³. O início do planejamento da obra foi surgindo aos poucos, mas, o fator principal foi a conversa com o amigo e poeta Luiz Carminatti que ocorreu possivelmente em 1977. Após essa conversa onde o artista confessou seu antigo sonho, Carminatti fez anúncios por meio de rádios, na tentativa de divulgar melhor a intenção do Zé Diabo em esculpir as pedras. Rapidamente o projeto despertou o interesse do Padre João Leonir Dall'Alba, presidente na época da Fundação Educacional Barriga Verde

11 Antes de iniciar o projeto do paredão Zé Diabo criou algumas esculturas, tal como o Busto do Papa João XXIII em 1963, sendo este o seu primeiro trabalho com esculturas. Depois vieram diversas outras solicitações, entre elas podemos citar o busto de Emir Bortoluzzi de Souza, busto em bronze de Maximiliano Gaidzinski, busto também em bronze de Alberto Dagostinilli. Além disso, o escultor também cria em paralelo com as obras do paredão o Pórtico Municipal de Orleans, iniciado em 1986 e finalizando em 1987. (KRIEDGER, Meri Ângela Spillere. *Zé Diabo: vida e obra*. 1993 Monografia (Especialização em Artes Visuais) UNESC, 1993.)

12 Ibidem. p. 41.

13 Ibidem, p. 11.



(FEBAVE).¹⁴ A partir de então, começaram a realizar algumas reuniões para definir melhor as ideias do projeto. Em seguida ficou definido que seriam esculpidas passagens bíblicas por se tratar de um livro universal, deste escolheram cinco passagens do antigo testamento (*A Criação do Homem, O Sacrifício de Abraão, A Passagem do Mar Vermelho, O Templo do Rei Salomão, Os Profetas*) e quatro do novo testamento (*A Anunciação, O presépio, A Morte de Cristo, A Ressurreição de Cristo*)¹⁵.

Com todas as ideias estabelecidas o próximo passo foi partir em busca de recursos financeiros junto a prefeitura, ao governo do estado e a Fundação Nacional de Arte. Devido à falta de resposta do governo, seguiram na tentativa de uma iniciativa privada, onde houve colaboração de alguns grupos, tal como, o Maximiliano Gaidzinski e o grupo Diomicio Freitas. Posteriormente o prefeito Edgard Zomer entrou com um auxílio complementando os valores necessário para terem subsídios para em média um ano de trabalho. Através desses apoios, juntamente a auxílios das pessoas da própria comunidade a obra conseguiu ser iniciada em 1980, avançando até o final de 1983 sem nenhuma paralisação. Neste ano Zé Diabo com seu ajudante foram admitidos pela Fundação Catarinense de Cultura para ambos estarem à disposição da construção das obras do paredão¹⁶.

Em 1980 o artista iniciou no paredão duas obras testes, a primeira tratava-se da primeira missa no Brasil e, a segunda da catequização dos índios. Estas serviram como teste para estudar a condição da pedra por onde ele esculpiria. O princípio do pretejo era esculpir as cenas do Antigo Testamento, essas eram: *A Criação do Homem, O Sacrifício de Abraão, A Passagem do Mar Vermelho* (Figura 02), *O Templo do Rei Salomão* e *Os profetas*. A segunda etapa estava relacionada ao Novo Testamento e as passagens eram: *A Anunciação, O Presépio, A Morte de Cristo* e *A Ressurreição de Cristo*. Desta segunda etapa, apenas a primeira cena foi esculpida. Todas as obras do paredão tratavam-se da interpretação do próprio Zé Diabo dos textos bíblicos. O artista após ler a passagem bíblica desenvolvia uma maquete de barro para estudar as formas antes de passar para a pedra. Esse recurso da maquete foi usado apenas nas primeiras ações, logo ele passou ter a experiência necessária para não precisar desse rascunho. Apenas, quando possuía dúvidas usava seus ajudantes como modelos para idealizar a forma como esculpiria algum personagem¹⁷. Na imagem abaixo pode ser visualizada *A Passagem do Mar Vermelho*, com uma área que totaliza 50 m², possuindo a escultura até 30

14 Ibidem, p. 41.

15 KRIEDGER, 1993.

16 CAMPOS, 2006. p. 41.

17 KRIEDGER, 1993. p. 27.



centímetros de profundidade; entre animais, pessoas e objetos podemos totalizar um conjunto de 27 peças diferenciadas.

Figura 02 – A Passagem do Mar Vermelho



Fonte: Fotos e Fatos de Orleans, disponível em: www.fotosefatosdeorleans.com.br

No entanto, o projeto foi paralisado e a passagem *O Presépio* não chegou a ser concluída. Das quatro cenas do Novo Testamento, apenas a primeira foi finalizada. Em 1989, surge entre Zé Diabo e a prefeitura de Orleans algumas discordâncias que nunca chegaram a serem divulgadas, e, em consequência desses problemas políticos o artista é afastado do cargo que exercia na fundação, suspendendo assim as obras do paredão. Nessa conjuntura, trata-se de um grande erro mencionar que de nove painéis apenas seis foram feitos, uma vez que, os planos do artista não cessariam assim que as passagens religiosas estivessem concluídas:

Após, nós iríamos partir para a História Nacional: A Família imperial, Os Senhores de Engenho, Ciclo do Ouro, Ciclo do Café, Criação do Gado, etc. Seria um projeto que seguiria por cima mais uns 300 metros e voltaria por baixo, dando um total de mais ou menos 28 painéis e mais ou menos 1.800 metros quadrados de arte pura, trabalhada artesanalmente¹⁸.

Analisando a fala do artista, podemos ver que não estamos tratando apenas de três painéis que foram deixados pelo tempo e sim vinte e dois, afinal, Zé Diabo possuía um propósito maior quando observava o paredão. Ele enxergava e projetava naquelas pedras cobertas por matos uma forma de trazer a Arte e a História para qualquer pessoa que passasse pela região e

18 Zé Diabo apud KRIEDGER, 1993. p.24.



que, esta arte estivesse presente no dia a dia das pessoas que ali viviam. Afinal, aos seus olhos aquelas pedras representavam uma possível grande obra do povo e para a cidade.

Além disso Zé Diabo tinha planos de esculpir na rua onde localizava-se o fórum da cidade, visto que existia um segundo paredão de concreto. O artista já possuía um projeto pronto e nesse destacaria a presença das pessoas mais notáveis da cidade, juntamente a uma cena representando o início do ano dois mil, os primeiros imigrantes da região, uma homenagem a uma escrava que havia morrido com 116 anos e alguns outros temas.¹⁹ Lamentavelmente é notório que tenha existido pouco apoio e incentivo para os planos do pintor e escultor que, porventura se possuísse recursos teria transformado Orleans em uma cidade artisticamente reconhecida e valorizada.

Embora suspensas as atividades do paredão o artista não parou de trabalhar na área. No momento em que o projeto foi cancelado, ele seguiu expressando suas técnicas em igrejas, não apenas em Orleans, mas também em todo sul de Santa Catarina. Por fim, devido a problemas musculares, o artista foi forçado a parar de esculpir e passou a dedicar seu tempo às obras literárias.

Considerações Finais

Nos últimos anos é possível ver que a cidade tomou algumas atitudes para manter a principal obra do artista conservada. Contudo, o paredão ainda carece de atenção, tanto em pesquisas científicas quanto em cuidados para a conservação da obra. Pois, a não conclusão dela não justifica a desvalorização. É necessário que a cidade se dedique para a preservação da obra, para que O Paredão de Orleans não volte a ser novamente um paredão coberto de musgos e dominado pela natureza. Nessa conjuntura, fica evidente que Zé Diabo, lamentavelmente é mais prestigiado nas cidades vizinhas, como é visível em Sombrio onde ele esculpiu a parede dentro da igreja.

Concluo que a quantidade de obras existentes hoje são poucas perto dos planos que o artista possuía e que, estas foram criadas no decurso de muitas dificuldades. Zé Diabo sem formação acadêmica e mesmo com pouco apoio, conseguiu projetar um dos maiores projetos artísticos da região Sul de Santa Catarina. O artista não procurou deixar suas obras presas em casas ou galerias, seu maior desejo foi construir uma sequência de obras ao ar livre para que

19 KRIEDGER, 1993. p. 35.



todas as pessoas possuíssem acesso a arte e que esta estivesse presente no dia a dia.

O trabalho acabou por despertar mais curiosidade em mim do que acalmar as minhas dúvidas. A partir das investigações e estudos sobre o artista pude ver que existem apenas duas pesquisas sobre ele com lacunas que nesse trabalho não consegui preencher. Entretanto, essa pesquisa não se finaliza aqui, ela serviu obviamente para me introduzir nesse campo biográfico e artístico, fazendo eu transitar por temas que até então passavam despercebido aos meus olhos. Ao longo do estudo, senti grande necessidade de mais visitas as cidades para analisar melhor as obras; e, até mesmo trabalhar com a História Oral, entrevistando alguns familiares e alguns políticos da época, para talvez responder as questões referente a paralisação das obras, entre outros hiatos ainda existentes. Dessa maneira, esse trabalho não se concluí aqui, longe disso, apenas impulsiona novas pesquisas sobre o artista conjuntamente a História do extremo Sul de Santa Catarina.

Referências

CAMPOS, Renata Bussolo. **Zé Diabo**: um artista de múltiplas linguagens. Monografia (Especialização em Artes Visuais), UNESC, 2006. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00002D/00002D1F.pdf>> . Acesso em: 01 ago. 2015.

DALL'ALBA, Pe. João Leonir. Colonos e Mineiros na Grande Orleans. Orleans, Santa Catarina, Edição do Autor, Instituto São José.

KRIEDGER, Meri Ângela Spillere. *Zé Diabo*: vida e obra. 1993 Monografia (Especialização em Artes Visuais) UNESC, 1993.

Zé diabo: o artista dos santos. *Notisul*. Tubarão, 24 maio 2013. Disponível em: <http://www.notisul.com.br/n/opiniao/ze_diabo_o_artista_dos_santos-41598> . Acesso em: 30 set. 2013.

Zé Diabo. 2010. *Fotos e Fatos de Orleans*. Disponível em: <<http://www.fotosefatosdeorleans.com.br/?pg=conteudo-descricao&id=115>>. Acesso em: 02 out. 2015.

Recebido em 03 de novembro de 2015

Aceito para a publicação em 26 de janeiro de 2017

